

ESPORTE MODERNO: POSSIBILIDADES AGRESSIVAS NA SOCIEDADE HODIERNA

José Roberto Herrera Cantorani
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

A história do esporte contemporâneo tem sido marcada por uma crescente mercantilização. O objetivo deste artigo é mostrar que o esporte moderno se apresenta como possibilidade, aceita até certo ponto, de materialização da agressividade. Por esse motivo, torna-se fundamental para a vida societária hodierna e, conseqüentemente, facilitador de sua própria venda e consumo. Procura-se examinar, num primeiro momento, como a relação entre os sentimentos agressivos e o esporte foi sendo construída ao longo dos tempos e, num segundo momento, como essa relação determinou que o esporte moderno assumisse uma postura de compensador nessa sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Esporte moderno; agressividade; sociologia do esporte.

Introdução

O momento em que vivemos é demarcado por uma sociedade capitalista, que por sua vez é marcada pela dicotomia entre o selvagem e o civilizado. De um lado, o capitalismo selvagem, se é que podemos assim chamá-lo, pois é agressivo no sentido de promover competições voltadas ao mercado de trabalho, nas quais, o que está em jogo, em suma, é a capacidade intelectual¹, por tanto, sem selvageria no sentido real da palavra. De outro, a civilização, a qual impõe ao homem contemporâneo, através de normas e regras estabelecidas e fiscalizadas pela sociedade, uma vida dentro dos padrões que esta entende por civilizada.

Mas, onde é que está a dicotomia se o que é selvagem o é de forma civilizada e, se do outro lado temos uma vida regrada, de forma a estabelecer padrões de civilidade a todo o momento? É verdade, em certa medida, que as competições oriundas do capitalismo não são sangrentas, pelo menos a olhos desinformados. No entanto, o capitalismo pode ser mais sangrento que a guerra, aliás, muitas vezes está por trás da própria guerra.

Conquanto, decifrar os afins mais sangrentos do capitalismo, além de não ser nossa intenção, não nos vai ser tão útil quanto relatar que a simples competição entre os

¹ O que realmente importa no capitalismo é a multiplicação dos recursos financeiros, conquanto, para se chegar a tais fins, os meios são provenientes do intelecto. Tal idéia foi extraída da obra: **O Presidente Segundo o Sociólogo:** entrevista de Fernando Henrique Cardoso a Roberto Pompeu de Toledo. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

homens, almejando o status de melhor funcionário, melhor cientista ou, melhor seja lá o que for, é comprovadora de que o homem hodierno, assim como seus antecessores, tem como característica inata a necessidade de competir, de estar em conflito, tanto quanto de cooperar e estar em harmonia.

Uma questão que, quando levantada, nos dá uma noção mais precisa desta praxis, é se competição e conflito fossem apenas processos sociais e não uma característica imanente ao homem, uma necessidade intrínseca tanto ao homem moderno como o de tempos passados, viveríamos, hoje, em uma sociedade capitalista? É possível que, se o homem não tivesse essa necessidade de se mostrar superior a outrem, talvez pudéssemos começar a acreditar em uma sociedade comunista?

Nossa intenção aqui não é discutir as formas de sociedade, e sim, demonstrar que a agressividade é intrínseca ao homem e, verificar a relação entre o esporte e essa violência. A essa altura, achamos relevante ressaltar que, como base para este artigo, usaremos dois pensadores como pilas centrais: Norbert ELIAS e Eric DUNNING, em especial o primeiro, autor de “*O processo civilizador*”² e, que em conjunto com DUNNING, em “A busca da excitação”³ procura avaliar o significado social do esporte como forma de estudar a própria sociedade.

ELIAS constrói seus argumentos através de exemplos temporais, dos quais, vamos citar alguns. Com tudo, achamos conveniente esclarecer que o autor faz uso destes exemplos como forma de evidenciar, através deles, o processo de civilização, e nós, aqui os usaremos como forma de demonstrar que a necessidade de competição e de conflito é algo inerente ao homem, assim como as necessidades de cooperação e de harmonia os são.

A caminhada evolutiva

O esporte-espetáculo está, hoje, de forma comprometedor, integrado na economia e na cultura das sociedades de todo o mundo. PILATTI, diz que “o esporte é um fenômeno cultural que se alastrou de tal forma, que passou a ocorrer em países ricos e pobres. Essa é a nova chave para se discutir o esporte, seu caráter universal, multirracial e compensador”⁴.

Sem dúvida, o esporte é universal e multirracial, destarte, pretendemos aqui discutir o seu caráter compensador na sociedade contemporânea. Cientes de que, na vida societária hodierna o esporte se apresenta como um objeto de consumo, um produto a ser vendido de diferentes formas a diferentes camadas sociais⁵, queremos

² ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2 v. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

³ ELIAS, Norbert, DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

⁴ Luiz Alberto PILATTI, em seu texto: *Reflexões sobre o Esporte Moderno: perspectivas históricas*, procura dimensionar a evolução do esporte segundo a evolução da própria humanidade (p. 257-288). In: FRANCHINI, Emerson et. Al. **I Prêmio Indesp de literatura esportiva**: 1. v. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1999.

⁵ A interpretação dos esportes formulada por Pierre BOURDIEU é articulada por dois conceitos principais, campo e habitus. Com esses conceitos é possível uma interpretação factível de como o

aqui lançar mão de uma questão que será nosso fio condutor para a execução deste trabalho: o que faz do esporte esse objeto de consumo, ou ainda, quais são os aspectos contidos no esporte que facilitam a sua venda?

Na busca de uma resposta mais factível, devemos considerar que ao longo de sua jornada evolutiva o homem esteve sempre envolto com possibilidades reais de materialização de seus sentimentos agressivos, algo que hoje acontece de forma bastante limitada, devido a restrições comportamentais regulamentadas e fiscalizadas pela sociedade. Entretanto, no esporte, o homem acaba encontrando uma válvula de escape na qual pode extravasar suas emoções através de ações agressivas de satisfação, que são, até certo ponto, reconhecidas e aceitas pela sociedade. Em qualquer observação direcionada ao futebol⁶, por exemplo, será possível verificar a notoriedade de que este esporte é um veículo de libertação dos mais variados sentimentos, inclusive agressivos.

Para ELIAS e DUNNING, o esporte pode ser utilizado como uma espécie de laboratório natural para a exploração de propriedades das relações sociais como, por exemplo, a competição, a cooperação, o conflito e a harmonia. ELIAS entende que o conceito metodológico mais apropriado para o estudo dos seres humanos e as respectivas sociedades é aquele que o faz de forma “global” e não apenas sobre os aspectos particulares de suas vidas, como sentimentos, idéias, ideais, instintos e normas.

Elias atribui nítida prioridade à síntese em relação à análise, e esforça-se por evitar a compartimentalização das pessoas e das sociedades humanas segundo categorias como “econômico” “político” e “social” - como se o “econômico” e o “político” não fizessem parte, de algum modo, da “sociedade” - ou “biológico”, “psicológico” e “sociológico” - como se as pessoas pudessem existir sem corpos, como se os seus “espíritos” fossem de alguma maneira fenômenos não físicos ou biológicos, ou como se as “sociedades” pudessem existir, de certa forma, independentemente e separadas do homem e da mulher individuais que as constituem.⁷

ELIAS, assim como DUNNING, entende que o esporte contribui para o conhecimento da própria sociedade. Para isso, se baseiam no fato de o esporte apresentar o elemento da competição, e de os confrontos envolverem força física ou proezas e que, para reduzir os danos físicos ao mínimo, existem regras que obrigam os

esporte se conformou na sociedade contemporânea e de como este produto é remanejado às diferentes camadas sociais. Ver também o artigo de Marcelo Weishaupt PRONI, Marketing e Organização Esportiva. Neste artigo é evidenciada a importância do marketing esportivo na indústria do esporte e, como essa indústria trabalha a opinião pública. BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. PRONI, Marcelo Weishaupt. Marketing e Organização Esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. **Conexões – educação, esporte, lazer**. Campinas, v. 1, n. 1, p. 74-84, jul./dez., 1998.

⁶ Tomamos como exemplo o futebol por ser um esporte de massa, o que facilita as argumentações a respeito do esporte moderno, pois se trata não apenas de uma paixão brasileira, mas o esporte que a humanidade escolheu como seu. HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

⁷ ELIAS, **A Busca...**, p. 21.

adversários a adotar um determinado tipo de comportamento, identificando, assim, traços de civilização nas mudanças das regras esportivas. Neste sentido, ambos oferecem críticas à sociologia pelo fato de o esporte e de o lazer, em particular o primeiro, terem sido desprezados como área de investigação. Em outras palavras, o esporte não deve ser encarado como algo separado da sociedade e, tão pouco a sociedade em separado do esporte, ambos interligam-se em uma cadeia de interdependências que estruturam o sistema de forma global, um processo de interação, ao qual ELIAS se refere como “dinâmica imanente das configurações”⁸. Vejamos o que DUNNING diz a respeito:

De modo resumido, parecia que os sociólogos actuais revelavam os seus valores de compromisso, entre outras maneiras, pelo facto de os paradigmas dominantes a que aderem limitarem o seu campo de visão a um conjunto comparativamente estreito de actividades sociais, apesar do empenho da maioria quanto ao ideal de “neutralidade ética” ou da “liberdade como um valor” e da idéia de sociologia enquanto ciência que trata das sociedades em todas as suas dimensões. [...] o desporto e a guerra envolvem formas de conflito que se encontram entrelaçadas, de maneira subtil, com formas de interdependência, de cooperação e com a formação do “nosso grupo” e do “grupo deles”. Aliás, tanto um como o outro podem desencadear quer emoções de prazer quer de sofrimento e compreendem uma mistura complexa e variável de comportamento racional e irracional. [...] sublinham, por um lado, que o desporto pode constituir um substituto da guerra e, por outro, que este fenómeno é o veículo ideal de treino militar, devido à dureza e à agressividade demonstradas pelos que nele participam [...]

Pensando no esporte como parte integrante da sociedade num processo de configuração de interdependências e não como parte isolada e distinta da mesma sociedade, enxergamos a possibilidade de, através do processo de civilização da humanidade inter-relacionado com as necessidades de agressividade do homem, clarificar a idéia de que o esporte é uma possibilidade real e “aceita” de materialização da agressividade desse mesmo homem, ainda que com graus de intensidade reduzidos pela evolução.

Os escritos de ELIAS assim nos conferem: “Os antigos Jogos Olímpicos duraram mais de mil anos. Os padrões de violência na luta podem ter oscilado durante todo este período, mas, fossem quais fossem as oscilações ao longo de toda a Antiguidade, o limiar de sensibilidade quanto à provocação de ofensas físicas e mesmo da morte num combate, e, de acordo com isso, todo o ethos da prova, era muito diferente daquele que, nos nossos dias, é representado pelo tipo de confronto

⁸ Para Elias a luta quanto ao controle do Estado constitui uma das principais características do comportamento da dinâmica de todas as sociedades-Estado. Essa luta é canalizada pela “configuração anatômica” da sociedade e, se raciocinarmos da mesma forma em relação ao esporte de hoje, o esporte-moderno, vemos que este possui a mesma “configuração anatômica”, o que nos faz retroceder o pensamento ao ponto em que Elias diz que o esporte serve de “laboratório orgânico” para se compreender a sociedade. *Ibid.*, p. 28-30.

⁹ *Ibid.*, p. 15-16.

caracterizado como ‘desporto’¹⁰.

Esse trecho relata o desenvolvimento do esporte com relação ao processo civilizador, mas, acima de tudo, que a violência na sociedade e na sociedade esportiva da Antiguidade era algo presente e, de certa forma, muito apreciado pelos povos existentes em tal época. Na seqüência, citaremos um outro trecho que revela ainda mais o prazer que a violência provocava nesses povos.

No tempo da Roma imperial, no momento em que escrevia, as guerras já não se realizavam com exércitos de cidadãos, eram levadas a efeito por soldados profissionais, as legiões romanas. A distância entre a técnica militar e a conduta de guerra, por um lado, e a técnica agonística tradicional dos concursos de jogos, por outro, tornara-se superior. [...] Lutar, nos jogos como na guerra, centrava-se na exibição ostentatória das virtudes guerreiras que atribuíam o mais elevado louvor e honra a um homem, no interior de seu próprio grupo e para o seu grupo – para o seu grupo familiar ou para a sua cidade – em relação aos outros grupos. Vencer inimigos ou adversários era motivo de glória, mas dificilmente seria menos glorioso ser vencido, como Heitor o foi por Aquiles, desde que se lutasse o mais que pudesse até ser mutilado, ferido ou morto e não se pudesse lutar mais. A vitória ou a derrota estava nas mãos dos deuses. Renunciar à vitória, sem uma demonstração de bravura e de resistência, é que era inglório ou vergonhoso.¹¹

Os exemplos históricos usados por ELIAS, serviram para um paralelo entre os níveis de violência apresentados nos combates dos jogos da Grécia antiga, ou nos torneios e jogos populares da Idade Média, e as provas de esportes da atualidade e, permitiram-lhe inferir que o que se revela nas provas dos esportes atuais mostra claramente o elemento específico do processo de civilização, mas, que estes confrontos de jogos são apenas manifestações dos aspectos sociais, relativos ao processo social como um todo e, revela, ainda, que, para se compreender o nível variável de civilização nas competições de jogos é preciso relacioná-los, pelo menos, “com o nível geral de violência socialmente permitida, com o nível da organização do controle da violência e com a correspondente formação da consciência em causa”¹².

Antes de passarmos para o próximo tópico deste trabalho, achamos importante ressaltar que os antigos Jogos, hoje Jogos Olímpicos, foram criados com o intuito de cessar as guerras, ou, pelo menos, interrompê-las durante o período de duração dos Jogos¹³. Diante disso, parece-nos lógico imaginar que os conflitos entre os povos eram automaticamente transferidos para as “competições esportivas”, é claro que aqui nos referimos aos sentimentos, pois as competições eram realizadas sob regras que eram extremamente respeitadas principalmente nas construções esportivas do Bosque Sagrado de Olímpia, sobre tudo, na “Trégua Sagrada”¹⁴. É claro que para os padrões de

¹⁰ Ibid., p. 202.

¹¹ Ibid., p. 204.

¹² Ibid., p. 211.

¹³ Ver: RAMOS, Jayr Jordão. **Os Exercícios Físicos na História e na Arte:** do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: IBRASA, 1983. p. 131.

¹⁴ Op. cit., p. 131.

hoje as competições eram brutais, contudo, obedeciam às regras estipuladas de acordo com o grau de intensidade de violência socialmente aceita.

Parece-nos lícito imaginar que, em detrimento disso, ou seja, de o esporte, em sua gênese, estar intimamente ligado aos mesmos sentimentos que envolvem a guerra e, até mesmo à guerra, as emoções, a violência e o esporte sejam intrínsecos um ao outro e, todos à sociedade.

ELIAS se refere a esporte, guerra e emoções como não sendo um saco de farrapos de tópicos sem nenhum significado entre si, e que o esporte e a guerra revelam a interdependência de formas de conflito e cooperação. Acreditamos que essa “dinâmica de configurações” que acabamos de expor é de grande relevância no que tange à interdependência existente entre o esporte-moderno e a sociedade contemporânea.

O esporte-moderno para a sociedade contemporânea

No momento em que vivemos, no qual a sociedade capitalista atinge o seu ponto mais alto, até o presente momento, o que enxergamos é uma certa dicotomia. Por um lado, visualizamos na teoria do “processo de civilização”, que o homem está mais civilizado, pois a sua repugnância diante da violência é de fato maior hoje, comparada com as dos tempos que antecederam a este e, em decorrência disso o grau de agressividade e violência aceito pela sociedade é menor. Mas, por outro lado, o homem contemporâneo apresenta, ainda, a mesma necessidade de competição e de conflito, ainda, que esta última, num grau de maior controle e, talvez, não porque a necessidade de conflito se apresente em intensidade menor, mas porque a sociedade é que está num estágio mais civilizado e imponha esse controle em forma de normas.

De fato, a sociedade impõe ao homem normas e regras para que este viva em acordo com aquilo que é denominado de civilidade. O homem se encontra em contexto social que o entrelaça aos moldes de civilização e que o enquadra nas regras da moral. Para DÜRKHEIN, uma atitude é moral se estiver em acordo com o que é ditado pelo Estado¹⁵. O homem está às voltas com regras que controlam sua vida, suas ações, que normatizam o que ele pode e o que não pode fazer. Uma das coisas que o homem não pode fazer e que pode ser encarada como repressão, é ter ações agressivas de satisfação, não podendo então extravasar melhor suas neuroses e frustrações acumuladas no seu cotidiano. Não devemos esquecer que o processo civilizacional não é um processo linear, existem períodos, na longa duração, de descivilização.

Com a intenção de clarificar melhor a idéia de que o esporte moderno apresenta-se com um caráter compensador na atual sociedade achamos conveniente

¹⁵. Em *As Regras do Método Sociológico*, Émile DÜRKHEIN trabalha os “fatos sociais” em função da “exterioridade”, “coercitividade” e “generalidade” verificados na relação de interdependência entre o indivíduo e a sociedade. DÜRKHEIN, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1966

lembrar Hans LENK¹⁶, em trabalho no qual, o autor discuti basicamente as relações entre o esporte, a sociedade e a filosofia, expondo as teses da função niveladora (teoria da compensação) e adaptativa do esporte. Aprofundando a discussão em torno do esporte-moderno, o autor o considera, entre outros aspectos, “libertador dos instintos agressivos, frente à falta de possibilidades de reações agressivas de satisfação em uma existência totalmente imposta pela civilização”¹⁷.

Analisamos até aqui os processos sociais e as suas relações com o meio esportivo com o intuito de avançar um pouco mais em nossa abstração de que o esporte é o meio pelo qual o homem extravasa seus instintos agressivos, os quais carrega com si desde os primórdios.

O que queremos é retificar que, para o homem, competição, cooperação e conflito não são apenas processos sociais, mas necessidades, que quando dirigidas ao esporte, fazem-no facilitador de sua própria venda e consumo, creditando-lhe um caráter compensador, não só, mas principalmente, frente à falta de possibilidades de reações agressivas de satisfação.¹⁸

ELIAS e DUNNING, dizem que a finalidade do esporte, se é que possui uma finalidade, consiste em dar prazer às pessoas, aqui devemos considerar que tais prazeres estão relacionados ao gozo das emoções proporcionadas pelo esporte. DUNNING diz o seguinte: “[...] o desporto se tem transformado, por todo o mundo, de instituição marginal e pouco valorizada em instituição central e muito mais valorizada, uma instituição que para muitas pessoas parece ter um significado religioso ou quase religioso, na medida em que se tornou uma das principais, senão a principal, fonte de identificação, significado e gratificação de suas vidas”¹⁹.

Em uma outra parte da mesma obra, DUNNING se expressa da seguinte forma: “Argumentou-se que o desporto constituía um substituto possível para a guerra, mas tal idéia envolve o facto de se considerar o desporto como uma abstracção, como alguma coisa independente e separada da configuração dos seres humanos interdependentes que nele participam”²⁰.

Não queremos aqui, afirmar que o esporte é o substituto da guerra, queremos sim expor que o esporte é, hoje, um meio que oportuniza ao homem colocar em prática, atitudes e emoções interdependentes e intrínsecas a este mesmo homem. Tais atitudes e emoções, como já vimos, estão relacionadas com a necessidade que o homem tem de

¹⁶ LENK, Hans. Deporte, Sociedad, Filosofia! In: **Altius, Citius, Fortius**. Madrid: INEF, 1972.

¹⁷ Essa é uma das características do esporte moderno, contidas na tese da função niveladora (teoria da compensação), na qual o autor encara a atividade esportiva como uma reação niveladora frente às exigências e pressões da sociedade industrial e suas condicionantes de vida. PILATTI, loc.cit.

¹⁸ Para ELIAS e DUNNING, as tensões não são estranhas, mas intrínsecas a própria configuração da dinâmica de um grupo, aliás, de qualquer grupo, não apenas do esporte. Relatam que: “O estudo dos jogos-desporto como o futebol pode, por isso, servir como uma introdução relativamente simples a uma análise configuracional no estudo de tensões e conflitos.”, porém, discorrem ainda, que tal estudo deve ser realizado sob a perspectiva de que ambos os lados formam uma única configuração. ELIAS, A Busca..., p. 283.

¹⁹ Ibid., p. 299.

²⁰ Ibid., p. 325.

competir e muitas vezes através de conflito para mostrar sua superioridade como indivíduo e/ou, como grupo. Exemplos claros disso são a Copa do Mundo e as Olimpíadas, eventos que demonstram como o esporte vem se transformando, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva, emergindo como uma fonte decisiva de sentido de vida de muitas pessoas.

A efervescência verificada em tal identificação com o esporte, sobre tudo o de alto nível, se deve ao fato de o jogo em questão, significar muito mais que o simples ganhar ou perder, significa a glória de um povo que conquista a supremacia diante de seus adversários. A Copa do Mundo e as Olimpíadas aqui citadas são competições que alcançam uma dimensão global. Nessas competições, as equipes que disputam os jogos, representam o seu país, o seu povo, que não esperam outra coisa a não ser a vitória que trará implícita a supremacia verificada através do mais forte e mais bravo competidor, sem esquecer, é claro, dos retornos financeiros que as conquistas estão associados.

Um exemplo que acreditamos vir ao encontro do que propomos aqui vem da torcida corintiana, a que muitos creditam o título de “nação corintiana” e, de ser uma “religião”. Essa torcida, em dezembro de 1976, desloca-se, em número aproximado de 70.000 corintianos, de São Paulo ao Rio de Janeiro, onde, de baixo de chuva, assistiram o jogo Corinthians e Fluminense, válido pela semifinal do campeonato brasileiro. Esse feito passa a ter ainda maior relevância no que tange as idéias aqui propostas, quando verificamos que o Corinthians estava há 20 anos sem conquistar um título. A pergunta que automaticamente nos vem é: o que faz com que uma massa de 70.000 pessoas, representantes de um mesmo grupo, se desloquem de um Estado para outro para assistir a um jogo de futebol?

A explicação que acreditamos ser plausível, é a de que o esporte, principalmente o das massas, como é o caso do futebol, se não é o substituto das grandes batalhas presentes ao longo de toda caminhada evolutiva do homem, é o meio que este ainda possui para expressar os sentimentos que lhe são peculiares e que se configuram na forma de atitudes agressivas de satisfação, que normalmente são mais facilmente despojadas nos confrontos, mesmo que estes sejam regulamentados e fiscalizados pela sociedade. Um outro dado a ser considerado é que tais grupos defendem não apenas a bandeira deste ou daquele clube, mas sua própria bandeira, pois o que ocorre é uma espécie de internalização por parte da torcida para com o clube²¹.

Essa é uma atitude característica do ser humano que ELIAS descreve como sendo a formação do “nosso grupo e do grupo deles” e, que é muito facilmente visualizada no esporte. Convém lembrar que o mesmo autor relata que, ao mesmo tempo em que ocorre o processo de civilização, ocorre uma espécie de contra-movimento descivilizador. Como exemplo, entre outros, podemos citar os hooligans, e no caso do Brasil, as torcidas organizadas, principalmente do Estado de São Paulo. O que talvez possa ser compreendido como uma falta de controle das necessidades agressivas aqui comentadas, extrapolando o nível de aceitação de manifestações

²¹ PRONI, loc. Cit.

agressivas ditados pela sociedade.

Há, ainda, outros fatores que associados a esta configuração dos sentimentos inerentes ao homem e o esporte, fazem deste último algo ainda maior. DUNNING relata o seguinte:

[...] a excitação criada pode ser intensa, em especial nos acontecimentos de desportos de alto nível que atraem grandes multidões, e, salvo o devido respeito a Huizinga, que afirma que o desporto se tornou “profano”, é isto, talvez, que constitui a base empírica para a idéia divulgada do desporto como um fenômeno “sagrado”. [...] não seria ir longe demais sugerir que, pelo menos para alguns grupos na sociedade actual, o desporto se tornou uma actividade quase religiosa e que, encarado numa perspectiva da sociedade, o desporto veio, em certa medida, preencher a lacuna aberta na vida social pelo declínio da religião. [...] não é de modo algum irreal sugerir que o desporto se está a tornar cada vez mais a religião secular da nossa época, também cada vez mais secular.²²

Como acabamos de ver, o declínio da religião passa a deixar uma lacuna aberta na vida societária hodierna, assim como a mecanização das indústrias, a sua automação e mais recentemente sua tecnologização. Em outras palavras, o declínio da igreja e o avanço tecnológico, aliados, ainda, a outros fatores sociais, tem sido de grande relevância no que diz respeito ao aumento do tempo livre²³ da população mundial. Essa lacuna aberta na vida societária tem sido, sistematicamente preenchida, e minuciosamente articulada²⁴ pela indústria do entretenimento.

Considerações Finais

O que se percebe, olhando para a história evolutiva do homem, é que a necessidade de estar em contato com a competição e com o conflito esteve sempre presente durante as etapas de sua história, mesmo que em graus de intensidade de satisfação agressiva diferente em cada uma dessas etapas. Notamos, ainda, que essa necessidade de competir está relacionada ao fato de o homem estar sempre precisando mostrar sua superioridade, seja individual e/ou do grupo a que pertence. Quando relacionados com esse último os sentimentos de patriotismo são muito intensos, apresentando um risco maior de surgirem atividades agressivas de intensidade maior.

Percebemos que a sociedade hodierna se caracteriza por determinar normas e

²² ELIAS, A Busca..., p. 323-324.

²³ Para uma visão mais ampla da questão do tempo livre e do tempo disponível, o artigo do historiador Ademir GEBARA é bastante útil. No artigo, o autor, balizado numa tradição marxista, compreende o tempo livre como sendo um tempo individual e o tempo disponível como um tempo social. Na focagem da indústria do entretenimento, o tempo que nos interessa é o tempo disponível. GEBARA, Ademir. O Tempo na Construção do Objeto de Estudo da História do Esporte, do Lazer e da Educação Física. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA (2.: 1994: Ponta Grossa). **Coletânea**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1994. p. 175-189.

²⁴ Ver: PRONI, loc. Cit.

regras de conduta a fim de estabelecer o que o homem pode ou não fazer, impondo, de forma repressora, padrões de civilização, frente aos quais atitudes agressivas de satisfação praticamente não são mais toleradas.

Por fim, acreditamos que o esporte configura-se como um fator de compensação para esta sociedade, pois é no esporte que o homem reconhece a oportunidade de extravasar seus sentimentos (uma possibilidade de materialização da agressividade) sufocados por um cotidiano opressor e repressor de uma vida que apresenta uma guerra diária, mas que é uma guerra implícita na luta pela sobrevivência, a qual não lhe apresenta um sujeito como adversário, e que acaba fazendo com que este lute contra todos e com ninguém ao mesmo tempo, tornando-se um ser individualista, frio e egoísta.

É interessante a dicotomia, por um lado o homem no seu cotidiano civilizado é individualista em uma guerra por um lugar ao sol, por outro, em uma batalha como as que, por exemplo, o futebol oferece notamos cooperação e, muitas vezes, solidariedade entre os indivíduos de um mesmo grupo.

Não queremos aqui afirmar que o esporte é substituto das guerras, mas, que se caracteriza por oferecer ao homem hodierno uma segunda via, na qual, este homem tem a oportunidade de competir e tentar provar sua superioridade e supremacia em relação aos seus adversários, como indivíduos e/ou como grupo. Um outro dado que se apresentou, é que o esporte moderno também se constitui elemento compensador do tempo disponível da população mundial, tempo que vem aumentando em decorrência do avanço tecnológico, do declínio da religião e de outros fatores sociais.

E então, queremos por fim acreditar, que essa cadeia de interdependências em que o esporte se configura, é que lhe proporciona ser a forma de lazer mais consumida na sociedade do futuro.

Abstract

The contemporary sport history has been being marked for an increasing mercantilization. The goal of this article is to show that the modern sport introduces like possibility, accepted to a certain extent, of aggressiveness materialization. And therefore, it becomes fundamental for the contemporary societal life and, consequently, facilitator of your own sale and consumption. Search itself examine, in a first moment, as the relation between aggressive feeling and the sport was going being built along times, and in a second moment, as this relation determined that the modern sport had assumed a compensator posture in this contemporary society.

Key words: Modern sport; aggressiveness; sociology of the sport.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
DÜRKHEIN, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 4. ed. São Paulo: Nacional,

1966.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2. v. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FRANCHINI, Emerson et. al. **I Prêmio Indesp de Literatura Esportiva**: 1. v. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1999.

GEBARA, Ademir. O Tempo na Construção do Objeto de Estudo da História do Esporte, do Lazer e da Educação Física. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA (2.: 1994: Ponta Grossa). **Coletânea**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1994. p. 175-189.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LENK, Hans. **Altius, Citius, Fortius**. Madrid: INEF, 1972.

O Presidente Segundo o Sociólogo: entrevista de Fernando Henrique Cardoso a Roberto Pompeu de Toledo. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Marketing e Organização Esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. **Conexões – educação, esporte, lazer**. Campinas, v. 1, n. 1, p. 74-84, jul./dez., 1998.

RAMOS, Jayr Jordão. **Os Exercícios Físicos na História e na Arte**: do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: IBRASA, 1983.